

**IDIOSSINCRASIA CULTURAL E CIÊNCIA: A HISTÓRIA SOCIAL
CONSTRUÍDA NAS PRÁTICAS DE REZAS E BENZEÇÕES**

Jailson de Lucena Gomes

Jailsongomes1@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Todas as manifestações evidenciadas dentro de uma comunidade podem ser consideradas cultura ou partes da cultura. Falando assim, percebemos uma série de lacunas em termos de definição da cultura, sabendo que ela pode ir do plano material até o infinito imaterial. A partir dessa idéia geral de cultura indagamos sobre a resistência ao tempo da atividade das rezadeiras na prática diária e busca de cura para males às vezes triviais, às vezes mais sérios. Melhor dizendo: queremos entender como o trabalho das rezadeiras e a atividade de suas benzeções são usadas pela população em pleno século XXI. O que é essa prática tão permeada em nosso cotidiano? Que maneira é essa de resolver problemas tão fincados na solidariedade, tão diferentes da cultura dominante? O que significa benzer? Seria, no caso, uma contradição típica das sociedades modernas ou a essência das manifestações idiossincráticas são mais fortes que a ciência, em termos de cultura? É basicamente o que procuramos em termos de respostas e, portanto, nos norteamos pelo objetivo de investigar as relações entre cultura e ciência a partir das idiossincrasias manifestadas em rezas e benzeções.

O texto foi pensado em termos de operacionalidade por estabelecer uma série de conceitos fundamentais, começando por cultura e, posteriormente, instaurando-a no seio da cultura local, isto é, do estrato municipal de Malta, no caso das rezadeiras, com o qual estaremos lidando. O discurso próprio de rezadeiras está aqui posto tal qual foi coletado em termos de gravação e, assim, não observando os ditamos tradicionais da gramática normativa, mas da gramática do uso. E, por sim, em pontos bem singulares e específicos, estaremos dando a conhecer as relações entre ciência e saber popular,

quando o assunto envolve a cura.

A teoria de base

Inicialmente devemos situar o termo cultura e, posteriormente tratá-lo do ponto de vista de uma comunidade.

Começamos por nos ancorar em sociólogos e filósofos para dar a conhecer um conceito mais formal de cultura e, embora com pontos de vista distintos, marcar um norte em termos de considerações sociais e discursivas para sedimentar a abordagem sobre as rezadeiras e suas práticas.

Existem diversos conceitos acerca do termo cultura dentro do campo antropológico. Marilena Chauí, em um dos seus conceitos, operado em texto de 1997 mostra que cultura é um:

conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a Natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela modificando-a. Este conjunto funda a organização social, sua transformação e sua transmissão de geração em geração (1997, p. 295).

Pode-se verificar que esse conjunto de manifestações culturais, mesmo não sendo apercebido como um todo conduz a maioria de algumas ou várias comunidades, visto que, a antropologia denota o sentido no plural, onde “variam de formação social para formação social” (Op. cit. p.295).

O uso de abstrações é uma característica do que é cultura. Desse modo as idéias, conceitos e elementos de credulidade estão como que fazendo parte da cabeça das pessoas, são parte delas e de seus modos de entenderem o mundo e a realidade social.

Esses elementos culturais só existem na cabeça das pessoas, em seus símbolos tais como padrões artísticos, lingüísticos, comportamentais, dentre outros.

Observa-se que, os padrões culturais, além de amplos, são muito complexos, devido ao fato de que a Cultura é um termo com várias acepções em diferentes níveis de profundidade e diferente especificidade. Grosso modo, podemos dizer que são práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. Englobam, portanto, crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identifica uma sociedade. Tudo depende da maneira como é direcionado, verificado e apreendido

e de como é empregado. Desse modo,

muitas vezes, a palavra cultura é empregada para indicar o desenvolvimento do indivíduo por meio da educação, da instituição. Nesse caso, uma pessoa ‘cultura’ seria aquela que adquiriu domínio no campo intelectual ou artístico. Seria ‘incultura’ a que não obteve instrução (LAKATOS, 1990, p.128).

É possível expressar que cultura é quase tudo que se evidencia em um determinado grupo, que o distingue, destaca; que se mostra a partir de diferentes moldes e modelos, regras e segmentos; tornando-se, para alguns, despercebido e sem sentido (vazio) e, para outros, importante, incontestável.

A cultura é focalizada na maior parte dos grupos como algo intrínseco (que está dentro de uma coisa ou pessoa e lhe é próprio, íntimo), que permeia além do “ser”, do “poder”, tudo está instintivamente ligado e assegurado por determinados fatores que o fazem funcionar e ser repassado.

Moldando os vários padrões de comportamentos e, aprendida e partilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, a cultura lhes confere uma identidade dentro do seu próprio grupo.

Para Marilena Chauí a antropologia define cultura como:

criação de uma ordem simbólica da lei, isto é, de sistemas de interdição e obrigações, estabelecidos a partir da atribuição de valores a coisas (boas, más, perigosas, sagradas, diabólicas), a humanos e suas relações (diferença sexual e proibição do incesto, virgindade, fertilidade, puro-impuro, virilidade, diferença etária etc.) e aos acontecimentos (significados da guerra, da peste, da fome, do nascimento e da morte, obrigação de enterrar os mortos, proibição de ver parto etc.); criação de uma ordem simbólica da linguagem, do trabalho, do espaço, do tempo, do sagrado e do profano, do visível e do indivisível. Os símbolos surgem tanto para representar quanto para integrar a realidade, dando-lhe sentido pela presença do humano no mundo; Conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a Natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela modificando-a. Este conjunto funda a organização social, sua transformação e sua transmissão de geração em geração. (1997, p. 294 - 295).

Como constitutivo formal, passaremos a tratar essa noção a partir da comunidade de base da qual as idiosincrasias estarão sendo observadas no discurso da rezadeira e na ação de benzeção.

Cultura e seus constituintes na zona urbana

Cultura é, aqui entendida como, tudo aquilo que é apercebido dentro de um

determinado agrupamento social, onde se distingue se destaca, se demonstra em quase todos os moldes e modelos, regras e segmentos. Se torna para alguns despercebidos e sem sentido e para outros importante, incontestável.

A cultura se mostra em determinadas sociedades como algo intrínseco (que está dentro de uma coisa ou pessoa e lhe é próprio, íntimo), moldando os vários padrões de comportamentos e criando uma ordem simbólica da linguagem.

No caso das rezadeiras, os padrões mágicos impõem um respeito à idiossincrasia especial indo da cura ao patamar mágico da realização de um sonho, um casamento, o fechamento do corpo contra olhado.

A prática ou ofício das benzedoras se associa as práticas introjetadas e pertencentes à cultura interiorana no Brasil. Como tal, escolhemos para o trabalho de investigação do ofício de rezar para a cura o município de Malta-PB.

A ação de rezar é repassada de geração para geração, associando-se a cultura imaterial como todas as formas tradicionais e populares de cultura transmitidas oralmente ou por gestos. Elas fazem parte da mesma manifestação de credo adotada por pessoas da comunidade independente do grau maior ou menor de instrução. São próprias dos indivíduos em função dos rituais inconscientes que praticam em termos de valor desde a infância.

Efetivamente essa prática acontece desde tempos passados e remonta ao período colonial brasileiro, onde evidenciamos uma mistura de crenças e religiões, a partir da interação entre culturas distintas.

Os rituais são praticamente idênticos - um misto de real com imaginário, onde persiste a idéia da cura através da fé. Também se relacionando com a cultura material, a partir do “conjunto de objetos” utilizados pelas rezadeiras nos seus “rituais” para a prática da cura.

Em Malta, a despeito de outras localidades, as pessoas parecem procurar as rezadeiras na busca de cura para vários tipos de enfermidades. Sobre essas questões Nery (sd) em um artigo sobre “Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé” publicado no Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG, diz que as enfermidades são diversas, a saber:

Quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, erisipela, vento virado, peito arrotado. Quem quer que percorra os povoados da zona rural, as pequenas cidades do interior ou mesmo as periferias das grandes cidades vai se deparar, em um momento ou outro, com alguns desses nomes que fazem

parte de um mundo mágico-religioso, povoado de rezas, crenças, simpatias e benzeções. (NERY, sd; p.1).

Essas nomenclaturas são parte desse “mundo mágico-religioso” e, além de outras doenças, são dadas a conhecer pelas rezadeiras.

Das enfermidades já citadas anteriormente algumas são até hilárias, do ponto de vista vocabular, como: espinhela caída (ou vento caído); campanhinha torta; dor na cantareira e nas cadeiras; arrotos no peito e muitas outras.

Em conversas informais com Dona Elvira (Elvira Guedes Queiroz), rezadeira de 62 anos no município de Malta, confidenciou que as pessoas que a visitam “também procuram rezas pra encontrar coisas perdidas, cobreiro, apagar fogo, bicheira de gado”.

Podemos concluir, em termos de inferência, que na percepção individual ou coletiva da identidade, a cultura exerce um papel principal no sentido de delimitar as diversas personalidades, os padrões de conduta e ainda as características próprias de cada grupo humano e, mesmo nos casos de graus de instrução elevados e poder econômico, as pessoas continuam buscando os serviços das rezadeiras.

No caso da prática e ritualização da reza, acontece uma mistura de “sagrado e profano”, observando as diversas finalidades das rezas e como são aplicadas em sentido dos diversos males.

Diz a tradição que o ato de benzer, ou de curar, é a ritualização das coisas da fé, onde muitas vezes, se misturam o sagrado e o profano: herança dos portugueses que ao chegarem ao Brasil sofreram influências dos índios e, posteriormente, dos africanos, sobretudo as mulheres.

Princípio mágico da rezadeira

As rezadeiras afirmam que os seus dons vêm de Deus e que elas não fazem nada a não ser rezar. Pelo que ficou evidente nas entrevistas algumas rezadeiras atribuem o seu “poder” advindo pela fé e as curas estão postas nos depoimentos dos que se dizem curados no momento da reza.

É comum afirmarem:

- “temos o poder da fé”;
- “muitas curas acontece no momento da reza”;
- “graças a nossa fé e da pessoa que nos procura”.

Assim sendo as suas rezas não têm sentido mágico, mesmo levando em

consideração que, as pessoas que se beneficiam de cura, certamente a entendem como dádiva de fé e merecimento. Para executar essa prática as rezadeiras acionam conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e rezas entoadas para dar cabo de uma enfermidade superficial ou de algo mais complexo e, nesse caso, exigindo a volta do paciente por mais vezes para o efetivo e eficaz benefício da cura.

Trabalhar a cura pela ciência

Os sistemas de saúde municípios parecem, ainda, não disporem de recursos suficientes para garantir atendimento ao povo, apesar da implantação do PSF (Programa de Saúde da Família), visto que, os postos médicos não se encontram equipados para atender a casos de enfermidades mais graves. Muitas vezes, não há nem médico e nem pessoal em tempo integral para prestar atendimento. Isso é um fato que existe desde tempos passados em todo país.

Alguns médicos pareciam alegar falta de condições materiais para a efetivação dos serviços de atendimento à população. Isto implicava, inclusive que, no momento do atendimento, o médico não se dispunha a manifestar uma atenção mais efetiva ao paciente. Atender com atenção, orientar, ou prestar uma assistência mais próxima, coisa que acontece na casa da rezadeira, pode ser o fator segundo o qual a parcela da população menos favorecida continua a usar os serviços das rezadeiras (Cf. VASCONCELOS, 1987).

Diante deste quadro os médicos contratados que vêm de outras cidades acabam fazendo um trabalho relativamente simples, não atendendo as necessidades locais, mal escutam os pacientes, Lucilene Leite, funcionária pública do município de Malta, afirma “fui ao posto e o médico nem olhou pra mim, só perguntou o que eu estava sentido e mandou que pegasse o remédio na farmácia do município”.

Dessa constatação podemos inferir que em muitos outros municípios com a mesma realidade, há certo desapontamento das pessoas com relação aos postos médicos, possivelmente, levado-as a procurar ajuda em outros locais. De fato, quem não pode arcar com uma consulta na rede privada, acaba recorrendo as rezadeiras.

Idiosincrasias das rezadeiras em Malta

As rezadeiras ou benzedoras são mulheres que realizam benzeduras. Para compor o ritual de cura, podem utilizar vários elementos: ramos verdes, agulha, linha,

pano, além de gestos em cruz, feitos com a mão direita, que podem ser ministradas à pessoa ou, com algum objeto do mesmo. Atuam em comunidades com conhecimentos geralmente partilhados e transmitidos a elas por alguém, preservando uma tradição histórica.

A maneira como cada rezadeira adquiriu ou aprendeu o ato da rezar é singular, visto que “o conhecimento particular e especializado de uma rezadeira é transmitido através de parentes próximos que dominavam ou dominam os saberes das rezas: as avós, as mães, as tias etc.” (SANTOS, 2007, p. 15).

Normalmente as rezas são executadas na própria residência da rezadeira. Mas, em casos extremos, ou a serviço de algum amigo, podem deslocar-se até a residência da pessoa enferma para executar sua reza, de acordo com a necessidade. Elas não vêem “seus dons” como algo que possa lhe assegurar uma profissão, visto que, todas as entrevistadas não cobram e nem aceitam que lhes paguem, pois denotam seu “ofício com uma forma de ajudar as pessoas que necessitam da sua ajuda”, sem que para isso haja nada em troca, criando uma semelhança com a tradição indígena do curandeiro.

Todas afirmam que o resultado das rezas depende, não somente da fé de quem está rezando, mas a pessoa que necessita da reza também tem por obrigação acreditar na cura.

Em relação as suas rezas, a rezadeira Dona Baia, de 92 anos, em depoimento verbal o qual transcrevemos literalmente em seguida, diz achar que “são boa, as pessoas vem aqui pedem pra eu rezar e saem satisfeita. Quando o problema não é resolvido na hora, voltam pra agradecer depois”. Por seu turno, Dona Chiquinha (Francisca da Silva Gomes), de 69 anos, também rezadeira do município de Malta, se imbuí de um discurso de poder próprio, chegando a afirmar que sua reza “é muito importante por que, graças a Deus, eu tenho muito prazer, que quando eu chego, há minha doutorinha, onde tava minha doutorinha, porque graças a Deus fica bom, né”.

Dona Chiquinha se considera, de fato, alguém com poderes de cura e agraciada por Deus na doutrina que realiza, constatando que quem se trata com ela fica curado. É importante observar que essa manifestação pessoal está intimamente relacionada a um fator sócio-cultural e, antropológicamente considerado em termos do poder de conhecimento atribuído ao ancião. Isto corrobora uma noção tribal a partir da qual o mais velho é detentor de conhecimentos e, portanto, poder.

Cada rezadeira expressa, a sua maneira, a importância do seu ato de rezar.

Dona Elvira, por exemplo, dentre as entrevistadas, se colocava dizendo: “acho que faz efeito, as pessoas me procuram de muitas partes, tomam conhecimento e vem”.

Quando as rezadeiras se deparam com alguma enfermidade não procuram outras rezadeiras, algumas vão ao médico, como é o caso de Dona Elvira, e outras, nem sempre procuram o atendimento “convencional” de saúde, afirmando que não gostam de médicos e ressaltam, justificando que “assim medico não era doente” (Dona Chiquinha).

Notas conclusivas

No sentido dicionarizado, benzer significa “fazer o sinal da cruz sobre pessoa ou coisa, recitando fórmulas litúrgicas para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do céu, abençoar.” Em outras palavras, o ato da benção é também um ato de súplica, de imploração, de pedido insistente aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais presentes, mais concretos, para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais. “A benção é um veículo que possibilita ao executor estabelecer relações de solidariedade e aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente” (OLIVEIRA, 1985).

Podemos constatar que a falta de acesso a medicina científica é um agravante que também contribui para priorizar a participação idiossincrática das rezadeiras no município, isso se mostra diante das condições de saúde do município, onde muitos não podem (ou não tem como) ser atendidos, levando-os a procurar a cura através de outros meios.

Ao contrário do que várias pessoas imaginam, as rezadeiras têm papel significativo no tratamento de diversas doenças e, muitas vezes, os pacientes buscam tanto o médico como essas mulheres. Elas agem de modo complementar as práticas dos profissionais de saúde, quando surgem enfermidades e aflições corporais e morais.

Observamos que, mesmo as cidades tendo os sistemas de saúde operantes, certos aspectos do atendimento em termos de saúde pública contribuem para tornar mais evidente e importante o trabalho das rezadeiras na cidade. Considerando o fato de que uma grande parte da população adulta tem pouca instrução, é singular que muitos se apeguem a costumes relativos à tradição e façam uso do trabalho das rezadeiras na busca de cura - características tipicamente ligadas a questão religiosa.

A religiosidade da maior parte da população se concentra no catolicismo, onde há uma relação expressada através de confiança e medo, como mostra a Dona Maria Medeiros, ao afirmar que “as coisas ligadas a Igreja são boas e conseguimos

muitas graças”.

Isso tudo contribui para manter arraigadas na comunidade certas manifestações pessoais e tradições culturais, comportamentos típicos de determinadas comunidades. Assim sendo, esse ambiente acaba sendo propício para que as idiossincrasias – “maneira própria de ver, sentir, reagir, de cada indivíduo” (FERREIRA, 2001, p.371) – aflorem em determinadas pessoas e acabem construindo ou ressaltando valores antigos.

Mesmo ligadas ao catolicismo, às rezas são ministradas sem orientação da Igreja católica, o que mostra que essas manifestações idiossincráticas são evidenciadas a partir dos meios e conhecimentos criados pelas próprias rezadeiras, fazendo com que comportam diante da sociedade seja feito sem vínculos com outras rezadeiras ou com alguma instituição religiosa.

Além disso, é importante observar que muitas instituições religiosas de vertente ideológica e culto cristão parecem empregar rituais de cura para restauração dos laços de afetividade do matrimônio, prosperidade, cura de enfermidades físicas e psíquicas, inclusive possessões. São ritos observados a partir dos movimentos pentecostais. E a prática das rezas e benzeções sobrevivem como dado histórico de memória e cultura.

É significativamente importante perceber que essa manifestação idiossincrática figura na sociedade como um dado da cultura, ao que supomos estar internalizada no modo de vida da população. A exemplo disso são os múltiplos anúncios de cartomantes, “professores”, dentre outros, que se anunciam como curandeiros natos e, muitos, até usam programas em canais de rádio ou atendendo em “consultórios”.

Independentemente de suas formações religiosas as mulheres (e, em alguns casos homens) que rezam o fazem como um instrumento de “obrigação”, isto é, uma espécie de ação de caridade e de obediência para com Deus. Desse modo, a sua vinculação a uma religião em particular não se manifesta em termos do que se passa na esfera específica da ação de rezar para a cura de uma enfermidade. O trabalho, por assim dizer, é uma manifestação de sentido que se estabelece em nome de Deus, tão somente.

Referências Bibliográficas

- CAHUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 6ª. ed. São Paulo: Ática. 1997;
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001;
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas. 1990;
- NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, crenças, simpatias e benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé**. CUT/MG.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985;
- SANTOS, Francimário Vitor dos. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão em crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN**. UFRN. 2007.
- VASCONCELOS, Eymad Mourão. **A medicina e os pobres**. São Pulo. Paulinas, 1987.